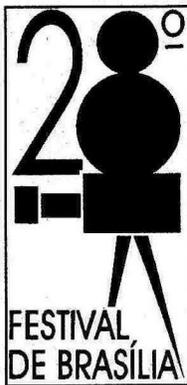


# Farra de prêmio fez a alegria geral

Jurados promoveram farta distribuição de troféus *Candango* mas não estavam em sintonia nem com a crítica nem com o público

Fotos: Antonio Cunha

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO



Prêmio demais para filme de menos. Nunca se viu tanto *Candango* dando sopa. Por um triz, a dupla paranaense Marcos Ferreira/Otacílio Siriño, de *Frenteira Sem Destino*, não subia ao palco. Para receber, quem sabe, o prêmio de "melhor ausência".

A generosidade (eufemismo, pois o que se viu foi populismo puro) dos organizadores do 28º Festival de Brasília com mortos e vivos era tão explícita, que a cidade assistiu a uma das festas mais patéticas entre as 28 até hoje realizadas (leia matéria abaixo)

O vencedor foi *O Judeu*, produção luso-brasileira comandada por Jom Tob Azulay. Fora o prêmio principal, o filme só levou *Candangos* secundários.

Como não havia nenhuma obra-prima digna de penca de *Candangos*, a "reforma agrária" foi geral. Só o mineiro *Enredando as Pessoas*, de Eder Santos, não enredou o júri. Foi o único a integrar a categoria dos *sem-prêmios*.

Como o populismo marcou o Festival desde sua conceituação, outorgaram-se laúreas ridículas como "melhor documentário de longa-metragem".

O poético e convincente *No Rio das Amazonas* acabou premiado nesta exdrúxula categoria. Ricardo Dias, coitado, pagou o mico. Entra para a história do Festival como o documentário que foi escolhido como "o melhor" sem ter nenhum concorrente.

O bairrismo deu as cartas na premiação da prata da casa. Os dois únicos concorrentes da cidade – *Áporo* e *Três* – levaram estatuetas para casa. *Áporo* ganhou melhor direção e fotografia. *Três* ganhou o Prêmio Paulo Emílio Salles Gomes como "melhor produção do DF".

Em Gramado, a Assembleia Legislativa premia o melhor curta gaúcho. Só que, no mínimo, quatro ou cinco títulos disputam o título. Os dois representantes brasilienses têm algumas qualidades, mas tudo indica que em outro território não teriam ganho as estatuetas que ganharam.

A presença física dos concorrentes (atores, diretores, técnicos) em Brasília também falou alto. José Lewgoy ganhou três prêmios, um bolo de aniversário e paparicações excessivas. Ele está bem no curta *Glaura*, de Guilherme de Almeida Prado. Mas em *O Judeu*, perde em brilho para os excelentes Mário Viegas (o rei Dom João V) e para José Neto (o jovem inquisidor).

Os atores lusitanos estavam na disputa. Vivemos tempos de co-produções e avaliar filmes legendados e atores e técnicos estrangeiros será cada vez mais comum no Festival.

O técnico de som de *O Judeu*, laureado, é sérvio e trabalha em Portugal. Entra para a história como o primeiro estrangeiro a receber um *Candango*. (Adrian Cooper é inglês, mas, apesar do sotaque carregadíssimo, é cineasta, fotógrafo e diretor de arte brasileiroíssimo).

**Divergência** – Júri oficial, crítica e público divergiram. Se o primeiro preferiu *O Judeu*, os críticos ficaram com *O Mandarin*. A ruidosa e participante platéia elegeu *Felicidade É...*, que assim, consagra-se tricampeão. Foi o escolhido pelos espectadores de Gramado, Cuiabá e Brasília.



Kahns (produtor) e Azulay (diretor) recebem o prêmio de "melhor filme" por *O Judeu*



Benigno: "melhor fotografia" com *Áporo*

## Outra noite para a história de gafes

A festa de entrega dos *Candangos* este ano só merece um adjetivo: patética. Não, dois: patética e provinciana. Três: patética, provinciana e populista.

Quem acompanhou o Festival nos últimos 20 anos (de 1975 para cá) só viu coisa igual num ano em que o mestre de cerimônia insinuava suspense para anunciar o vencedor e antes que abrisse a boca, José Damata, do fundo do Cine Brasília, o antecipava. O resultado havia vazado e a festa caiu no ridículo.

Há quem se lembre de ano em que o mestre-de-cerimônia, Jesus Pingo, aprontou poucas e boas. Tudo fichinha perto do que se viu na noite de quarta-feira.

Se na condução da cerimônia não estivesse dois profissionais tarimbados – os atores Vera Holtz e Sérgio Mamberi – a festa entraria para os anais do desastre completo.

Nunca se pagou tanto mico. E nunca se perpetrou tantas barbaridades. Havia Troféu *Candango* para quem aparecesse no pedaço. Inclusive para os mortos.

**Mortos** – O primeiro morto a ganhar o seu *Candango* (grotescamente batizado de *Eterna-Metragem*) foi Glauber Rocha. O cineasta baiano, por seus filmes (*Deus e o Diabo* comprovou isso), merece todo o respeito do mundo. E foi regamente homenageado com a exibi-

ção de seu torpedo brecht-eisensteiniano. Pra que *Candango* póstumo?

Mas pior foi o que veio depois. Tom Tob Azulay recebeu um *Candango-Eterna-Metragem* para Dina Sfat e Felipe Pinheiro, atores que figuram na lista de sete mortos do filme.

Por que os outros cinco foram esquecidos? Decerto para evitar a divisão da estatueta *candanga* em sete partes. A quem Azulay vai entregá-la: aos familiares de Dina ou aos de Felipe?

Na mesma situação fica Fernando Eiras, que recebeu o *Candango* pelos mortos de *O Mandarin*: o músico Raphael Rabello e o comediante Costinha. A quem será entregue a estatueta? À família Rabello ou Costa?

Pensam que acabou o festival de populismo que assolou o Cine Brasília? Não. Tem mais: os mortos Marcantônio Guimarães e "Gonzaga do Cine Brasília" também ganharam *Candangos*.

Marcantônio foi uma das mais agudas inteligências colocadas a serviço do Festival. Jamais, no comando do evento, se submeteria a pagar tal mico. Bitá Carneiro, funcionária da Fundação, evitou participar de cerimônia patética. Nem subiu ao palco, mesmo convidada.

Bitá não subiu, mas uma penca de funcionários de segundo escalão subiu. A cada hora aparecia mais um ilustre "QUEM???" para entregar um prêmio a... NINGUÉM. (MRC)

Festival de grandes papéis masculinos (Mário Reis, Antônio José da Silva, o judeu, Dom João V), o júri teve boas opções para analisar na hora da premiação. E escolheu a melhor: Fernando Eiras está magnífico na pele de Mário Reis.

Já no item melhor atriz, a barra pesou. Nenhum grande papel feminino. Wanda Lacerda brilhou no curto espaço de *Bolo*. O júri preferiu Denise Fraga, de *Sonho*, outro episódio de *Felicidade É...* E dividiu a láurea com Maitê Proença, a caricata burguesa de *Dezesseis Zero Sessenta*.

O prêmio de "melhor fotografia" ficaria melhor nas mãos de Adrian Cooper (*No Rio das Amazonas*). Ele captou, com rara e densa poesia, rios, florestas,

canoas, bichos, mercados e produziu alguns dos mais belos retratos da gente cabocla da Amazônia.

Com uma câmera de 16 milímetros (o filme foi ampliado nos EUA) produziu a mais difícil e bem-sucedida de todas as fotografias que bateram na tela do Cine Brasília. Enfrentou condições adversas (todo mundo sabe que fotografar a Amazônia não é fácil) e saiu-se com brilhantismo.

A fotografia premiada, de *O Mandarin*, é magnífica. Mas seu autor, José Tadeu Ribeiro, a tirou de letra. Fotografou as belezas do Copacabana Palace somando-as a outros cartões postais do Rio e aos interiores freqüentados por Mário Reis.

Ricardo Dias, o melhor diretor (prêmio merecidíssimo) é o primeiro a dar crédito a Adrian Cooper e colocá-lo na condição de co-autor do filme. Disse, sem demagogia, que "no primeiro dia de filmagem, gritou *corta!* Cooper obedeceu, mas lamentou ter interrompido o mergulho poético na geografia amazônica".

"Dali em diante" – testemunhou Ricardo – "passei a trabalhar no ritmo da câmera-olho dele". Para provar que o cineasta não é de ficar incensando colaboradores, basta lembrar o que ele disse, no palco, do mestre-de-cerimônia de *No Rio das Amazonas*, Paulo Vanzolini: "Dedico este prêmio a Vanzolini, embora, às vezes, ele seja muito chato".

**Populismo** – o populismo do Festival contaminou todos os setores. Até o júri do 16 milímetros seguiu a cartilha da distribuição e multiplicação dos prêmios.

Sem grandes atores para premiar, deu *Candangos* a dois. Sem coragem de escolher o melhor curta em 16mm, optou pelo prêmio por gênero. E saiu-se com dois vencedores *Biu* (melhor ficção) e *Profeta das Cores* (melhor documentário).

Atribuiu a *Criaturas Que Nasciam em Segredo*, do paulista Chico Teixeira, apenas três prêmios técnicos. Documentário de densa força poética e temática difícil (a vida, inclusive sexual, dos anões) merecia arrebentar a boca do balão. É o melhor filme apresentado, este ano, no Festival de Brasília, em todas as categorias (longa, média, curta, tudo).

Por que o filme não ganhou os prêmios que merecia? Giba Assis Brasil, um dos integrantes do júri, profissional de primeira linha, ético e qualificadíssimo tecnicamente, entende que, já tendo ganho Gramado, o filme nem deveria ter concorrido aqui.

O Correto seria exibi-lo em caráter hors concours. Raciocínio perfeito. Falta dizer isto na carta de premiação, para que a ativa platéia do Festival soubesse.

Do mesmo mal padeceu o curta (35mm) *Deus Ex-Machina*, escolhido como "o melhor" pelo público. Além de roteiro e montagem, levou o Especial do Júri. Tudo indica que a comissão de premiação brasiliense não quis repetir o veredito de Gramado, responsável por exagerada consagração do *noir* de Gerbase. Elegeu o pernambucano *Maracatu*, *Maracatus*, documentário de qualidades mais temáticas que estéticas, mas mesmo assim, entusiasmante.